Arroz: El Niño deve sustentar os preços e prolongar a entressafra

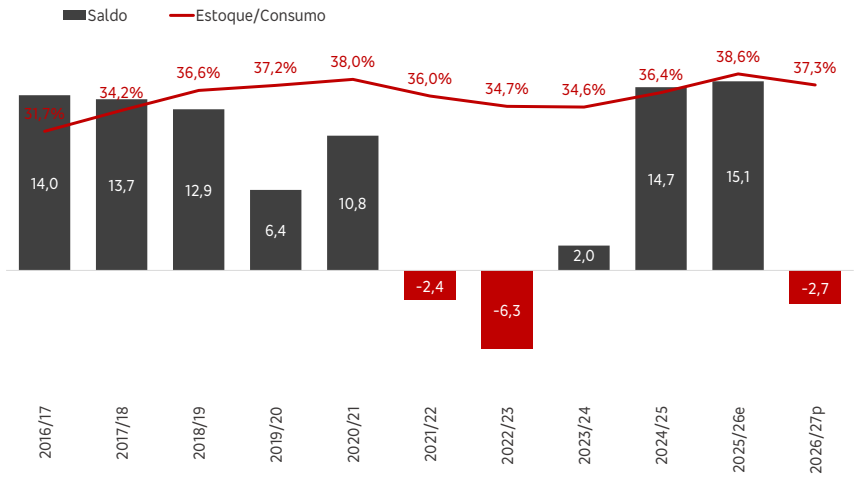
Fernando Gomes

O El Niño deve sustentar os preços do arroz por mais tempo. A oferta global será menor, impactada por redução de área, menor pacote tecnológico e questões climáticas. No Brasil, a produção cai em meio a área menor e estoques baixos; o risco de excesso de chuvas no Sul pode ainda prejudicar a produtividade e prolongar a entressafra. Essa combinação de menor oferta e riscos climáticos puxa para cima as cotações ao produtor e alivia o cenário de margens apertadas das últimas safras. O câmbio depreciado também favorece maiores preços. No entanto, as importações do Mercosul e a dificuldade da indústria de repassar a alta ao atacado colocam um teto.

A Ásia sentiu primeiro os impactos do *El Niño*. A região concentra cerca de 90% da produção mundial, por isso as perdas ali são tradicionalmente relevantes para o mercado global. Na Índia, responsável por cerca de 40% das exportações mundiais, a monção ficou cerca de 15% abaixo do normal, e a produção deve cair cerca de 4,5%. Há ainda o risco de novas restrições às exportações, como em 2023. As Filipinas, maior importador mundial, também perderam produção, enquanto Tailândia, Vietnã e Camboja enfrentam risco na safra seca de 2027. Como resultado, a produção mundial deve cair 2,3%, a maior queda em 20 anos.

Historicamente, a produção global só recuou nos *El Niños* mais intensos, como em 2009/10 e 2015/16. Além disso, a relação estoque/consumo está em 37%, patamar elevado que amortece o impacto da menor oferta e reduz o risco de choques de preços. Vale ressaltar que o menor uso de tecnologia nas lavouras nesta safra, em razão da alta dos fertilizantes, pode exigir revisões futuras das estimativas de produtividade.

Gráfico 1: Saldo global e relação de estoque/consumo de arroz
Saldo em milhões de tonelada e relação estoque/consumo em %

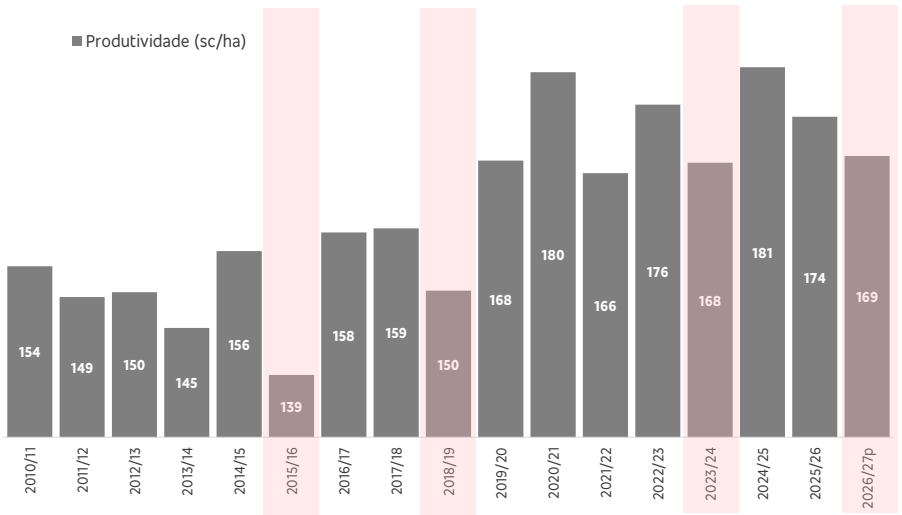


Fonte: USDA, Bradesco

Em Chicago, a alta de 69% no preço do arroz em doze meses reflete o aperto nos Estados Unidos, onde a área plantada caiu 25%, para o menor nível desde 2001/02. A curva futura em Chicago, que norteia os preços negociados para exportação nas Américas, sobe até julho de 2027, quando chega ao equivalente a cerca de R$ 103 por saca. O recuo acontece a partir do segundo semestre, com o mercado à espera da recomposição da área, dada a rentabilidade da cultura; atualmente, essa queda está em torno de R$ 15-20 por saca. Para o Brasil, o desconto de US$ 2,32 por cwt em relação a Chicago, bem acima da média de cinco anos, abre espaço para que o preço médio no Rio Grande do Sul chegue a R$ 94–99 por saca, embora a transmissão seja lenta.

No Brasil, o risco para a safra vem do excesso de chuvas. O fenômeno traz excesso hídrico ao Sul, e a safra tende a ser menor enquanto os preços sobem. As chuvas atrasam a semeadura; para produtores menores, isso levou à mudança para mudas pré-germinadas, o que aumenta o custo dentro da porteira. Além disso, o excesso de nebulosidade reduz a radiação solar, que, por sua vez, impacta negativamente o potencial produtivo, pois as plantas ficam mais baixas, com folhas mais amareladas e panículas menores. Há ainda o risco de cheias na colheita, como em 2024. Segundo os dados do IRGA (Instituto Rio Grandense de Arroz), a produtividade gaúcha caiu em três das quatro safras de *El Niño* desde 2012/13, com queda média de 7%. No estado, o preço subiu 8,8% no ano seguinte. No Brasil, a produção recuou 4,7% nesses anos.

Gráfico 2: Produtividade do arroz irrigado no RS
Em sacas de 50 kg por hectare; anos de *El Niño* em destaque



Fonte: IRGA, NOAA, Bradesco

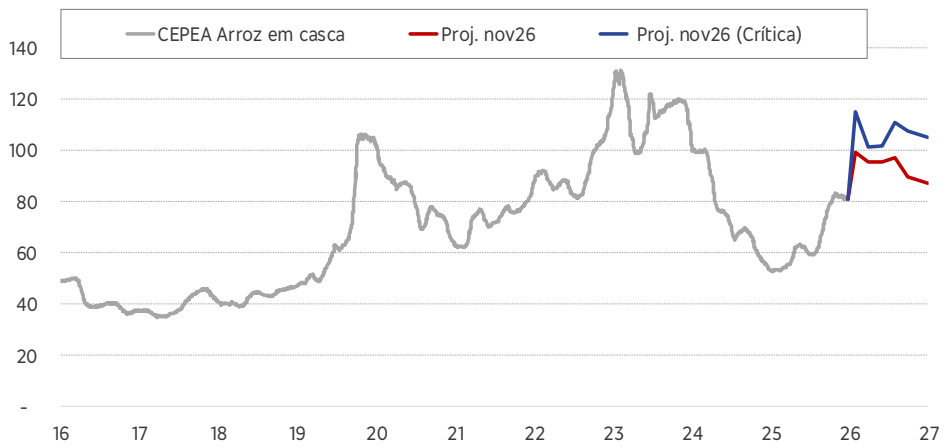
Além de reduzir a oferta, o *El Niño* desloca o calendário e prolonga a entressafra. Nesses anos, a queda de preço na colheita foi de 3% em mediana, em comparação a 7,6% nos anos de *La Niña,* ou seja, anos de *El Niño* tendem a reduzir a sazonalidade dos preços na entressafra. A semeadura atual, atrasada na Campanha e nas Planícies Costeiras, pode reforçar essa leitura de alta de preços. O balanço, por sua vez, já vinha mais ajustado: a safra 2026/27 deve registrar a terceira queda consecutiva de área, e a relação estoque/consumo deve passar de 23% para 12%.

O quadro de menor oferta global e riscos para a safra brasileira eleva os preços. O indicador do arroz em casca no Rio Grande do Sul está em R$ 81,92 por saca, alta de 44% em 12 meses e de 56% desde a mínima de dezembro de 2025. Apesar da recuperação, o preço segue 38% abaixo do recorde de 2024.

Para o produtor, a recuperação dos preços favorece a margem operacional. Sem considerar terra arrendada, o custo dobrou desde 2016/17, para R$ 9.500 por hectare, puxado por operações, fertilizantes e diesel. As margens, negativas em 2024/25 e praticamente nulas em 2025/26, voltam a cerca de 40% ao preço atual e a 50%, em média, em 2027 no cenário base, considerando 200 sc/ha. Contudo, qualquer perda de produtividade por clima adverso pode piorar consideravelmente esse quadro. O excesso de chuvas e o consequente atraso do plantio em algumas regiões têm levado os produtores, principalmente os de pequenas propriedades, a ampliar o uso do sistema pré-germinado. A técnica eleva o custo, mas assegura bom estande e maior controle do arroz-vermelho.

No cenário base, o preço pode chegar a R$ 100/saca no primeiro semestre de 2027, com média próxima de R$ 98. Uma quebra de safra superior a 15% no Brasil, somada a perdas na Bacia do Prata (Paraguai e Uruguai) e à depreciação cambial, levaria o pico a algo entre R$ 105 e R$ 112/saca. Superar R$ 120/saca exigiria nova redução da oferta, como cheias na colheita no RS ou restrições asiáticas, combinada a nova depreciação do real, hipótese que os indicadores atuais não sustentam.

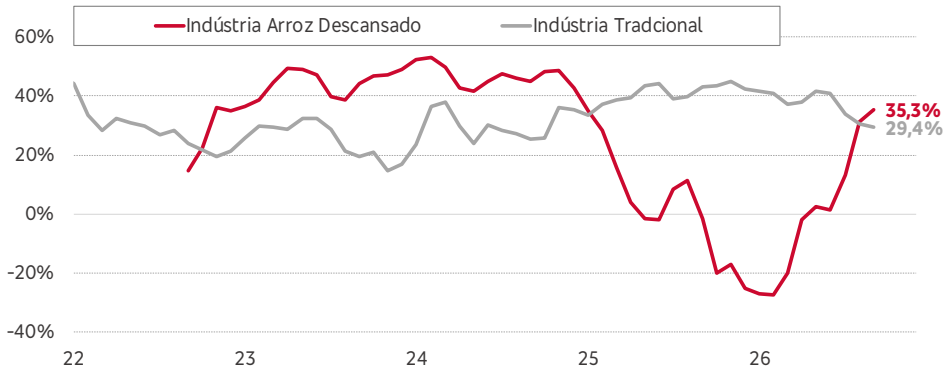
Gráfico 3: Indicador do arroz em casca no RS
Em R$ por saca de 50 kg



Fonte: CEPEA, Bradesco

No atacado, porém, os preços sobem bem mais devagar. Em São Paulo, o agulhinha subiu 10,5% em relação a setembro de 2025, contra 38% do arroz em casca em um ano. A indústria que processa arroz "descansado", cereal que esteve armazenado há no mínimo um ano e meio, comprou seus estoques a menos de R$ 50/saca. Por isso, o quadro de margem continua folgado no momento, sem a necessidade de correções de preços mais abruptas enfrentadas pelas arrozeiras tradicionais. Nesse cenário, as margens dessa indústria estão acima da média. Já para a indústria de arroz tradicional, as margens estão menores que a média dos últimos cinco anos. Com menor capacidade de estocagem, ela absorve os preços recentes, mais elevados, e compete com o arroz descansado, o que limita o repasse ao atacado. Assim, a margem da indústria tradicional caiu de 43% para 29% até setembro de 2026. Para a indústria de arroz descansado, considerando arroz em casca comprado há um ano e meio, a margem subiu de 30% em setembro de 2025 para 98% em setembro de 2026, reflexo dos preços historicamente baixos do arroz em casca no ciclo passado.

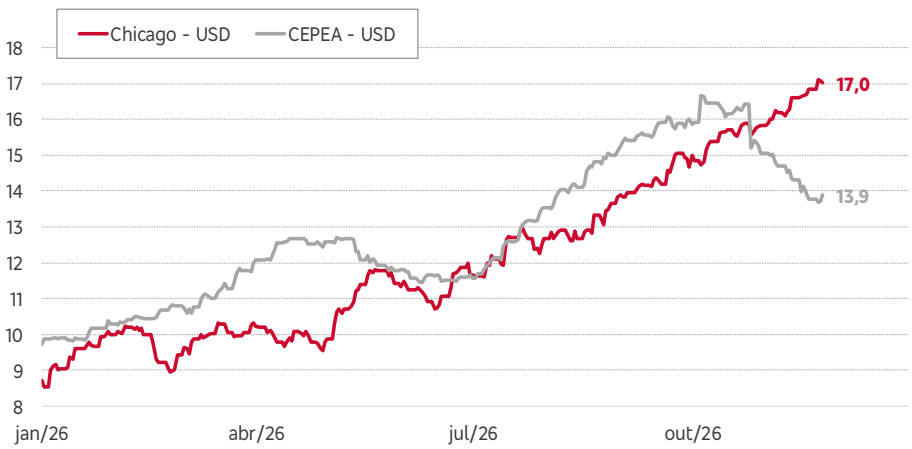
Gráfico 4: Margens da indústria arrozeira tradicional e de arroz descansado
Em margem de contribuição mensal, em %



Fonte: CEPEA, IRGA, Safras & Mercado, IEA, Bradesco

O comércio exterior funciona como estabilizador dos preços domésticos. As exportações cresceram 24%, favorecidas pelo preço do arroz em casca brasileiro, mais baixo do que o norte-americano. Esse fluxo de vendas externas enxuga o balanço interno que já era apertado e garante liquidez por parte das *tradings*, em um cenário com apenas a indústria como compradora. Ao mesmo tempo, as importações subiram 27%, lideradas pelo Paraguai. Para as importações, o cenário é o contrário: há um aumento de oferta, com cereal a preços menores. Contudo, a taxa cambial nos atuais patamares tende a encarecer as importações e melhorar a competitividade das exportações. Esse fluxo define uma escada de paridades, isto é, faixas de preço dentro das quais os preços no mercado interno tendem a permanecer mais firmes até a chegada da safra ou a valorização da moeda local.

Gráfico 5: Indicador de arroz no Brasil e nos EUA
Em USD por saca de 50 kg



Fonte: LSEG, CME, CEPEA, Bradesco

Em síntese, o *El Niño* deve sustentar os preços por mais tempo, mais do que elevá-los indefinidamente. Depois de dois anos desafiadores, a redução de área e de oferta, combinada com exportações firmes, impulsiona os preços e deve assegurar a recomposição das margens do produtor até a chegada da próxima colheita. A indústria, por sua vez, ainda precisará administrar margens mais estreitas até que o repasse ao atacado se complete. A indústria com maior poder de negociação e maior estoque tende a ter boas janelas de compra na colheita, entre março e maio, quando os preços são mais baixos. Os principais indicadores a acompanhar são o ritmo final de semeadura e as chuvas no Rio Grande do Sul (e no Paraná e em Santa Catarina, que alimentam as bacias hidrográficas entre dezembro e março). Também importam os fatores de mercado: o diferencial de preços em relação a Chicago, as intenções de plantio nos Estados Unidos para o próximo ano, o câmbio, o repasse ao atacado e o volume importado, especialmente do Paraguai, que também deve ficar em alerta por causa do *El Niño*.

Pesquisa Econômica Bradesco

Diretor de Pesquisa Econômica	Fernando Honorato Barbosa
Superintendente Sênior	Myriã Tatiany Neves Bast
Analistas	Bernardo Keiserman / Constantin Jancsó / Fernando Alves Gomes / Fernando Lins Souto Pellegrini / Filipi de Oliveira Cardoso / Gabriel Rodrigues da Cruz / Guilherme Gugelmin Zimmermann / Hoechst Cornélio da Silva / Laura Colaço Longhin / Lucca Barufatti Velini Sanches / Marcelo Gazzano / Marcos Lopes Muniz / Mariana Silva de Freitas / Paula Magalhães / Priscila Pacheco Trigo / Rafael Martins Murrer / Rafael Souza dos Anjos Dallal / Sebastian Ronda / Thiago Coraucci de Angelis / Vitor Araujo de Holanda Jó
Estagiários	Davi Cury Teodoro de Oliveira / Francisco Junqueira Franco Zipman/ Henrique Lukaisus Garcia / Nina Savoy de Sá / Thaynara Nogueira dos Santos

economiaemdia.com.br

A Pesquisa Econômica Bradesco ("Bradesco") é responsável pela elaboração deste relatório de análise econômica. Todos os dados ou as opiniões dos informativos aqui presentes são rigorosamente apurados e refletem nossa opinião no momento da publicação desse relatório. O objetivo dos relatórios não é atender a nenhum cliente específico, seja pessoa física ou jurídica. O Bradesco não se responsabiliza por quaisquer atos ou decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas em suas publicações e projeções. As análises e os dados contidos nos relatórios não devem ser tomados, sob qualquer hipótese, como base, balizamento, guia ou norma para quaisquer documento, avaliações, julgamentos ou tomadas de decisões, sejam de natureza formal ou informal. Deste modo, ressaltamos que todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o Bradesco de todas as ações decorrentes do uso deste material. O conteúdo da publicação pode não expressar o posicionamento do Bradesco, bem como demais empresas do conglomerado econômico, sendo possível, inclusive, que divirjam das visões de outras áreas correlatas. Este material não deve ser considerado um relatório de análise para os fins do artigo 1º da Resolução CVM nº 20, de 25 de fevereiro de 2021. Adicionalmente, o Bradesco não se responsabiliza por atualizar qualquer estimativa contida nesta publicação e baseia a integridade das informações contidas em suas publicações às fontes públicas em que são obtidas. Desta forma, não nos responsabilizamos por eventuais erros e/ou omissões. O acesso e uso a estas informações implicam na total aceitação deste termo de responsabilidade pelo usuário. A reprodução total ou parcial desta publicação é expressamente proibida, exceto com a prévia autorização do Bradesco ou a citação integral da fonte.